

A INFLUÊNCIA DAS MÍDIAS DIGITAIS NO APRENDIZADO DOS ALUNOS DAS SÉRIES INICIAIS DO COLÉGIO SANTA TERESA DE JESUS¹

Nara Denise Farias Carrets²

Gédson Mário Borges Dal Forno³

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo analisar o uso da mídia digital, Internet, no contexto da escrita e leitura nos educando do 4º do Ensino Fundamental do Colégio Santa Teresa de Jesus, baseado na pesquisa bibliográfica disponível, com autores reconhecidos. Contextualiza os temas de letramento digital, na sociedade da informação; o hipertexto, a forma não linear de leitura e a metodologia do uso da Internet no processo de ensino-aprendizagem, focada na interação e na relação ação-reflexão-ação do educando, frente aos conhecimentos adquiridos no processo e o aperfeiçoamento das habilidades envolvidas de leitor e escritor na realidade da escola, registradas no *site* da mesma. Concebendo a escrita como uma tecnologia que evolui de acordo com a cultura, requerendo o uso como forma de comunicação mediada pelas mídias digitais vigentes. O hipertexto entra em cena, trazendo uma forma própria de apresentar uma leitura que precisa da atuação direta do leitor para percorrer diferentes caminhos, criando um segmento de leitura peculiar e distinto aos demais leitores, com características introspectivas. Nesse caso, o leitor, necessita estar em contínuo letramento, analógico e digital, para poder agir e interagir no seu meio, fazendo uso das mídias digitais como veículo de comunicação e produção do conhecimento. O trabalho em rede serve para conhecer outras realidades inseridas num mesmo contexto, no caso da escola, pelo *site* oficial da Associação de Ensino e Assistência Social Santa Teresa de Jesus, no qual é possível saber o que as escolas estão trabalhando e como estão produzindo o conhecimento que está publicado na *web*.

PALAVRAS-CHAVE

Letramento digital; Hipertexto; metodologia no uso da Internet;

ABSTRACT

The present article aims to analyze the use of digital media, Internet, in the writing and reading context with students at 4th grade of Elementary School in “Colégio Santa Teresa de Jesus”. Based on the available bibliographic research, with well-know authors. The work contextualizes themes such as digital literacy, in the information society, the hypertext, the non-linear reading way and the methodology of using Internet in the process of teaching and learning, focused on the interaction and relationship of student’s action-reflection-action, towards the acquired knowledge during the process of improving the skills involved for a reader and a writer in the school reality, registered on its site. By understanding the process of writing as a technology that evolves according to the culture, requiring its use as a way of communication mediated by the current digital media. The hypertext owns a great importance, bringing a special form of presenting a way of reading which requires reader’s direct action in order to go through different ways, creating a particular segment of reading and different to the other readers, with introspective features. In this case, readers need to be in continuous literacy, analogical and

¹ Artigo apresentado ao Curso de Mídias na Educação da Universidade Federal de Santa Maria, como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Mídias na Educação.

² Aluna do Curso de Mídias na Educação da Universidade Federal de Santa Maria.

³ Professor Orientador, Mestre, Universidade Federal de Santa Maria.

digital, so that they can act and interact in their environment, using digital media as a form of communication and knowledge production. Networking is useful to know other realities inserted in the same context, in the mentioned school, by the official site of “Associação de Ensino e Assistência Social Santa Teresa de Jesus”, where it is possible to know what the schools are working and how they are producing knowledge published on the web.

KEYWORDS

Digital literacy; Hypertext; Methodology of using internet;

1 INTRODUÇÃO

Vive-se na sociedade da informação, onde a maioria das atividades humanas incorpora as Tecnologias da Informação e da Comunicação (TICs), projetando novas interfaces de escrita e de leitura em todas as áreas das relações humanas. Assim, a escola, um ambiente alfabetizador e formador, necessita promover o uso de tecnologias digitais nas práticas pedagógicas, para formar cidadãos inseridos culturalmente e aptos a usar as tecnologias digitais como meio de produção de comunicação e de aprendizagem.

Dessa forma, o presente artigo avalia o uso das mídias digitais, em especial a Internet com o uso do hipertexto, na realidade do 4º ano, das séries iniciais, do Colégio Santa Teresa de Jesus, escola católica, particular, que pertence a Campanha Santa Teresa de Jesus, situada no município de Santana do Livramento-RS, no contexto de letramento digital e da relação produtora leitor/escritor por meio das atividades propostas no laboratório de informática da referida escola, com um trabalho sistemático por meio de projetos didáticos.

O citado artigo contempla a metodologia de pesquisa bibliográfica sobre letramento digital; o comportamento do leitor no hipertexto e o uso da Internet como metodologia de aprendizagem. Procura conceituar o que é letramento e a evolução do mesmo no aspecto analógico e digital; também se faz necessário conhecer as interfaces que são usadas nas mídias atuais e o desenvolvimento do leitor no contexto midiático que permite o uso da Internet como uma ferramenta pedagógica com características peculiares que refletem na ação do educador e educando.

2 REVISÃO DA LITERATURA

O contexto da sociedade da informação traz impactos que refletem em várias áreas das relações humanas, em especial, na educação. Nas palavras de Castells (2000, p. 60

apud Coll, 2010, p. 15) “estamos diante de um novo paradigma tecnológico, organizado em torno das tecnologias da informação”. As tecnologias da comunicação (TICs) permitem a utilização de vários signos – linguagem oral, linguagem escrita, imagens estáticas, imagens em movimento, símbolos - para representar uma determinada informação e transmiti-la. Essas possibilidades trazem a necessidade de conhecer e apropriar-se da linguagem vigente para utilizá-las como ferramentas na escola, no processo de aquisição do conhecimento. Para tal, é necessário estar inserido e letramento, para saber usufruir de objetos analógicos e o digitais. Sendo importante conhecer as novas possibilidades de leitura e seus suportes diversos com diferentes interfaces que apropriam-se das ferramentas digitais, como o uso da Internet, para produzir conhecimentos e comunicação de maneira rápida e eficaz. Para ampliar essas concepções, a seguir teremos o texto segmentado em três temas, aprofundando os assuntos em pauta.

2.1 LETRAMENTO DIGITAL

Vive-se em sociedades letradas, tanto os sujeitos escolarizados quanto os não escolarizados são afetados, de alguma forma, pelo fenômeno do letramento. De acordo com Soares (2003), a entrada no mundo da escrita passa basicamente por duas vias: uma que se dá a partir de seus usos e outra que ocorre pelo aprendizado de uma técnica.

A escrita é uma tecnologia que marcou, como um ícone, a história da humanidade, pois a partir dessa tecnologia, os acontecimentos e a comunicação entre as pessoas e os povos passaram do oral para o registro escrito. Assim, foram guardados, na narrativa escrita, como fonte de pesquisa ou em formato de documentos para posterior análise, sendo preservados por um tempo maior, sem perder a sua função. Mas essa forma de registro era linear, seguindo uma sequência de páginas, de fatos cronológicos ou históricos.

O conhecimento escolar da cultura letrada se estruturou como as páginas de um livro: linear, encadeado e segmentado. A cultura letrada está inserida na sociedade de informação, que apresenta aspectos peculiares ao seu contexto, atingindo o modo de pensar, escrever e de manter relações sociais. Um aspecto relevante é a cibercultura, que traz toda a cultura digital para o ambiente escolar.

Conforme o Míni Dicionário Houaiss, “ser letrado é possuir cultura, instruído, quem possui profundo conhecimento literário, literato”. (2004, p. 453).

Mas esse conceito vai além do que está escrito no dicionário, na esfera da sociedade da informação, onde existe a necessidade de ser letrado em vários campos do conhecimento, ser letrado é conhecer o código da escrita e fazer uso dela como função social na escrita e na leitura.

O termo letramento é considerado por Soares (1998, p. 47 apud COSCARELLI, C.; RIBEIRO, A.E. p. 60) como:

estado ou condição de quem não apenas sabe ler e escrever, mas cultiva as práticas sociais que usam a escrita. A mesma autora define letramento digital como “um certo estado ou condição que adquirem os que se apropriam da nova tecnologia digital e exercem práticas de leitura e escrita na tela, diferente do estado ou condição – do letramento – dos que exercem práticas de leitura e de escrita no papel (2002, p. 151 apud COSCARELLI, C.; RIBEIRO, A.E. p. 60)

A cultura digital está por toda a parte, votamos em urnas eletrônicas, fazemos saques e depósitos em caixas eletrônicos, nos comunicamos por e-mail e outros. Para isso, é necessário saber ler, interpretar e fazer varreduras visuais nessas interfaces digitais que cercam essas e outras atividades do cotidiano. Estamos constantemente sendo letrados digitalmente.

A cibercultura não é apenas o que se faz na rede ou usando o computador. Cibercultura é a forma de lidar com a produção intelectual que aprofunda conceitos e práticas que modificam a maneira de ler, escrever e atuar na sociedade com as tecnologias de comunicação. No contexto de letramento digital existem duas facetas: primeira, relacionada aos espaços da escrita e suas consequências para a interação leitor/escritor, e uma segunda, relacionada aos textos e suas novas formas de reprodução e difusão na sociedade.

A cibercultura, portanto, não é uma cultura derivada das máquinas, mas uma produção entre pessoas e máquinas.

Maria Elizabeth Bianconcini de Almeida, pesquisadora da PUC-SP, comenta:

[...] a tecnologia precisa estar presente na sala de aula e alerta que o currículo escolar não pode continuar dissociado das novas possibilidades tecnológicas. Pois em um mundo cada vez mais globalizado, utiliza as novas tecnologias de forma integrada ao projeto pedagógico é uma maneira de se aproximar da geração que está na escola. Também é necessário que a tecnologia seja integrada no currículo. Pois o currículo da sala de aula não é apenas o prescrito. Ele se desenvolve do que emerge das experiências de alunos e professores, do diálogo, entre eles. Nesse sentido, o uso das Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs), pode auxiliar muito, quando desenvolve-se um currículo mediatizado, é feito o registro dos processos e com essa base é possível identificar qual foi o avanço do aluno. (ALMEIDA, 2010, p. 48-51)

Nessa esfera de variedades e possibilidades de encontrar as informações, tem-se o contexto de letramento, que evoluiu do analógico para o digital, dando um novo significado do aprender a ler e a escrever em diferentes mídias, analógicas e digitais, sabendo usufruir e interagir com elas no dia-a-dia. Esse processo inicia fora da escola, nas interações sociais e

culturais dos alunos junto com a sua família, por isso, na escola é necessário revisar e refletir sobre a sociedade em que se vive, que cidadãos se está formando e a metodologia necessária para contemplar e inserir as tecnologias digitais na produção da escrita. Nas palavras de Emília Ferreiro (2001), “a escrita é importante na escola, porque é importante fora dela e não o contrário”.

2.2 O COMPORTAMENTO DO LEITOR NO HIPERTEXTO

Na sociedade da informação, a comunicação se dá por diferentes mídias, variando entre analógicas e digitais, de acordo com o perfil do leitor e o seu contexto cultural e social.

A escrita foi e é uma tecnologia que sofre mutações de acordo com a sociedade em que está inserida, evoluiu do oral para o escrito e do analógico para o digital. Segundo Coll (2010, p. 19) “as tecnologias de comunicação permitem aos indivíduos adaptar-se ao seu meio utilizando os recursos tecnológicos como etapas de inserção social dependendo do ambiente psicossocial”. Nesse panorama, foram muitas as tecnologias de comunicação usadas na humanidade, entre elas, pode-se destacar o fala, a mímica, relatos em prosa e verso, a escritura manual em diferentes suportes, a prensa gráfica, o correio postal, o telégrafo, o telefone, a T.V. e a Internet.

Isso refletiu na metodologia utilizada para a aprendizagem e nas modalidades educacionais que também traçaram um longo caminho como imitação, recitação, uso de textos manuscritos, uso de livros didáticos, ensino por correspondência, ensino a distância e audiovisual e o ensino apoiado por computador.

Essas tecnologias possibilitaram o registro da história da humanidade e da comunicação entre pessoas de lugar próximos ou distantes. Utilizando diferentes interfaces para cumprir o seu papel na sociedade que estava inserida, como a sociedade agrária, artesanal, industrial, urbana, sociedade de massas, audiovisual e por fim a sociedade da informação. Ou seja, para cumprir sua função social, passou por diferentes veículos de comunicação, saindo da interface analógica para a digital. Com isso a escrita saiu do papel e foi parar em diferentes telas digitais.

A partir dessa realidade surge um novo leitor e escritor, que precisa ser letrado nesses novos ambientes de produção de escrita e de leitura, habilitado em ler nos hipertextos.

A palavra hipertexto, no Míni Dicionário Houassiss, significa:

Apresentação de informações escritas, organizadas de modo que o leitor possa ter acesso, sem seguir encadeamento linear único. Apresentação de informações em um monitor de vídeo, na qual um elemento destacado, quando acionado, provoca a exibição de um novo hipertexto com informações relativas ao referido elemento. (2004, p. 389)

O hipertexto, segundo Cecília Ramal (2000, p. 21-24), “é uma nova forma de escrita e de comunicação da sociedade informático-mediática, é também uma espécie de metáfora que vale para as outras dimensões da realidade. A internalização da estrutura do hipertexto como mediação para a produção de conhecimento implica novas formas de ler, escrever, pensar e aprender”.

Como afirmam Landow e Delany (1991 apud RAMAL, 2000, p. 21-24), “a hipertextualidade não é um mero produto da tecnologia, e sim um modelo relacionado com as formas de produzir e de organizar o conhecimento, substituindo sistemas conceituais, hierarquia, linearidade, por outros de multilinearidade, nós, *links* e redes”.

Esses nós e *links* fornecem elementos ao leitor, de escolhas, do caminho a seguir na leitura, proporcionando ao mesmo possibilidades de usar diferentes recursos, como sons e vídeos para compreender melhor o contexto do tema em pauta. Isso é uma característica peculiar aos hipertextos, pois são descentralizados de uma lógica a ser percorrida pelo leitor. Cabe ao leitor, dentro da sua realidade linguística, escolher percurso da leitura. Na definição de Jay Bolter (1991, apud RAMAL, 2000, p. 21-24), as partes de um hipertexto podem ser agrupadas e reagrupadas pelo leitor.

O princípio que caracteriza a nova proposta é o da pedagogia da autoria, segundo Carmem Moreira de Castro Neves

[...] um processo marcado pela riqueza de estratégias didáticas, intencionalidade e profundidade, que se inicia com a exploração (busca de informações em diferentes fontes: livros, TV, internet, rádio, dicionários, enciclopédias, etc.), continua com a experimentação (comparar, argumentar, testar, extrapolar, enfim, descobrir o que fazer com as informações) e conclui com a expressão direta (autoria, em diversas mídias, a partir das informações coletadas, analisadas, contextualizadas e trabalhadas). A pedagogia da autoria é intencional, profunda, ética. O compartilhamento do processo de produção e a avaliação dos produtos geram novas análises, visões interdisciplinares e novas produções, impulsionando um contínuo crescimento. (NEVES, 2005, p. 16)

Ler, no contexto da sociedade da informação, é ler na cultura do letramento digital, onde existe uma avalanche de informações fornecidas de diversas maneiras, cabe ao

leitor selecionar o que está no seu interesse e manter um foco. Nessa realidade depara-se com a narrativa hipertextual.

O hipertexto é uma característica da cultura digital, e como tal, apresenta uma nova maneira de produção de escrita e de leitura. Suas potencialidades necessitam ser exploradas como mecanismos de aprendizagens e de gerar comunicação, para efetivar os letramentos (analógico e digital).

De acordo com Pierre Lévy, o hipertexto:

É um conjunto de nós ligados por conexões. Os nós podem ser palavras, páginas, imagens, gráficos ou partes de gráficos, sequências sonoras, documentos complexos que podem eles mesmos ser hipertextos. Os itens de informação não são ligados linearmente, como em uma corda com nós, mas cada um deles, ou a maioria, estende suas conexões em estrela, de modo reticular. Navegar em um hipertexto significa portanto desenhar um percurso em uma rede que pode ser tão complicada quanto possível. Porque cada nó pode, por sua vez, conter uma rede inteira. (LÉVY, 1993, p. 33)

A história do material impresso traz à tona a história de formas mais “primitivas” de hipertexto, plenamente assimiladas pelos leitores e produtores de textos (livros, revistas, jornais) da sociedade, e cada uma delas pode ser também, chamada de interface:

O hipertexto retoma e transforma antigas interfaces da escrita. A noção de interface, na verdade, não deve ser limitada às técnicas de comunicação contemporâneas. A impressão, por exemplo, à primeira vista é sem dúvida um operador quantitativo, pois multiplica as cópias. Mas representa também a invenção, em algumas décadas, de uma interface padronizada extremamente original: página de título, cabeçalhos, numeração regular, sumários, notas, referências cruzadas. Todos esses dispositivos lógicos, classificatórios e espaciais sustentam-se uns aos outros no interior de uma estrutura admiravelmente sistemática: não há sumários, índice, remissão a outras partes do texto, e nem referências precisas a outros livros sem que haja uniformemente numeradas. Estamos hoje tão habituados com esta interface que nem notamos mais que existe. Mas no momento em que foi inventada, possibilitou uma relação com o texto e com a escrita totalmente diferente da que fora estabelecida com o manuscrito: possibilidade de exame rápido do conteúdo, de acesso não-linear e seletivo ao texto, de segmentação do saber nos módulos, de conexões múltiplas a uma infinidade de outros livros graças às notas de pé de página e às bibliografias. É talvez em pequenos dispositivos “materiais” ou organizacionais, em determinados modos de dobrar ou enrolar os registros que estão baseados a grande maioria das mutações do saber. (LÉVY, 1993, p. 34)

Ou seja, o hipertexto não é algo novo, próprio da sociedade da informação, mas algo que está retornando trazendo aspectos próprios do paradigma que estamos vivendo no contexto digital. Perde a característica linear e passa a ter multifaces escolhidas pelo leitor.

Segundo Almeida:

o uso de hipertexto rompe com as sequências estáticas e lineares de caminho único, com início, meio e fim fixados previamente. O autor disponibiliza um leque de possibilidades informacionais que permitem ao leitor dar ao hipertexto um movimento singular, ao interligar as informações segundo seus interesses e necessidades momentâneas, navegando e construindo suas próprias sequências e rotas. (ALMEIDA, 2003, p. 330-331)

Atualmente, a leitura na sociedade da informação, está mais complexa e repercute no comportamento do leitor, que precisa ler mais rápido, fazer buscas e inferências de acordo com o seu interesse ou necessidade. O leitor é como se fosse um contemplador de uma grande obra de arte, que precisa saber o contexto do autor, sua época, conhecer as cores, ter noção de produções artísticas, perceber detalhes que levem a entender a obra completa. Esse modo de leitura é introspectivo porque depende da relação do leitor com o texto sem perder o foco.

A leitura em tela digital fez retornar um comportamento há tempos esquecido pelo leitor: a leitura privada, solitária, feita em ambiente fechado, onde se encontra o computador. O livro, assim como os jornais e as revistas, hoje pode ser lido digitalmente, em qualquer lugar ao simples toque de um ícone que abre uma interface de leitura que pode levar a muitas outras páginas interligadas pelos nós apresentados em cada uma, proporcionando interatividade. A interatividade é uma peculiaridade no uso da Internet, na qual permite interromper uma sequência de informações e de reorientar o fluxo das mesmas.

2.3 O USO DA INTERNET COMO METODOLOGIA DE APRENDIZAGEM

No contexto da sociedade da informação, existe a exigência de práticas do mundo digital que repercute no ambiente escolar. “Frente a essa realidade, o uso da Internet traz consequências para a vida em diferentes ordens, que vão desde a transformação das relações de tempo e de espaço à criação de novas práticas discursivas, nas quais emergem novos gêneros textuais”. (ASSIS, 2007, p. 109)

Essa relação de tempo e espaço é uma característica do uso da Internet, pois permite aos usuários comunicarem-se com pessoas em qualquer lugar do planeta, tanto *offline* ou *online*. Também possibilita conhecer, sem sair de casa, lugares distantes e ambientes diversos, além de realizar compras e pagamentos num simples toque nos ícones indicados ou desejados.

Além disso, o uso da Internet exige uma aprendizagem constante por parte do usuário. Pois requer que este esteja em contínuo aperfeiçoamento no letramento digital,

concebendo, conhecendo e explorando as interfaces em uso. Ao abrir a interface de um *site* é necessário ter claro o que deseja fazer e saber manter o foco da leitura ou pesquisa, porque várias possibilidades de caminhos são abertas, ou seja, o leitor é quem vai escolher, dentro das suas possibilidades, e capacidades linguísticas de interpretação.

Nesse contexto, o usuário é um agente ativo, pois é ele quem escolhe o melhor caminho para a sua construção do conhecimento, ou simplesmente, o melhor caminho para atingir os seus objetivos.

Em ambientes virtuais, as circunstâncias socializantes são menos devidas a um acaso geográfico do que à real comunhão de interesses. Isso é fator de estímulo à colaboração entre os pares, na medida em que há grande possibilidade de escolha sobre com quem ou com mais interlocutores vamos interagir. (SOUZA, apud COSCARELLI, C.; RIBEIRO, A.E 2007, p. 107)

A Internet permite interligar as escolas, encurtando distâncias, possibilita trabalhar em rede. Isso acontece com o Colégio Santa Teresa de Jesus, da Companhia de Santa Teresa, com as três escolas no Brasil, em localidades diferentes, possui um único *site* que permite visualizar os trabalhos em todos os segmentos, no endereço HYPERLINK <http://stateresa.com.br/>. Na figura 1, aparece a página de abertura do site da escola, acolhendo o leitor e permitindo escolher um dos ícones para avançar no hipertexto. No item selecionado na imagem, que é “Colégios”, permite visualizar as fotos das três escolas no Brasil que aparecem na figura número dois.

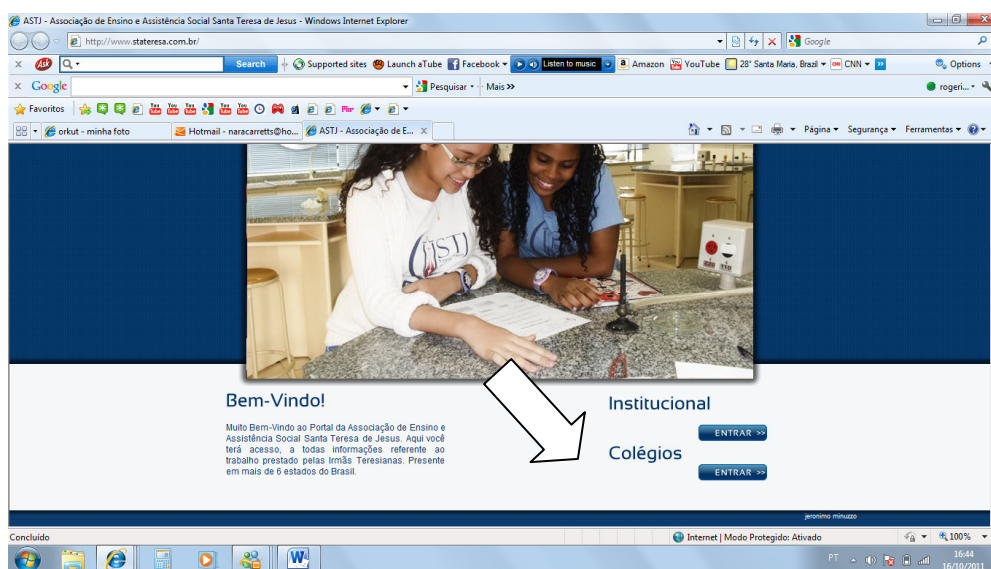


Figura 1: Abertura do *Site* da Associação de Ensino e Assistência Social Santa Teresa de Jesus
Fonte: HYPERLINK “<http://www.stateresa.com.br/>”

O *site* da Companhia Santa Teresa de Jesus apresenta fácil navegabilidade, e qualquer usuário pode entrar e ver os trabalhos realizados nas escolas e em cada turma, compartilhados no ambiente virtual. Na figura abaixo, aparece a página das escolas situadas no Brasil, identificando-as pelas fotos e a localidade, com o nome da cidade. Ao clicar na imagem ou no nome, vai abrir uma nova página específica da escola escolhida. Em cada página existem ícones que abrem novas interfaces para navegar, cada uma com determinadas informações.



Figura 2: página que aparece as três escolas no Brasil.
Fonte: http://www.stateresa.com.br/index_escolas.php

Para Souza:

a aprendizagem colaborativa é uma atividade na qual os participantes constroem cooperativamente em modelo explícito de conhecimento. Do ponto de vista construtivista, o resultado mais importante do processo de modelagem não é o modelo em si, mas principalmente, a apreciação e a experiência que se obtêm enquanto se articula, se organiza e se avalia criticamente o modelo durante seu desenvolvimento. Para tanto, um processo colaborativo deve oferecer atividades nas quais os participantes possam incluir suas suposições e pré-conhecimentos. Dessa forma, os ambientes devem ajudar os participantes a expressar, elaborar, compartilhar, melhorar e entender suas criações, fazendo com que pensem. SOUZA (2007, apud COSCARELLI, C.; RIBEIRO, A. E., 2007, p. 108)

Assim, pode-se destacar a Teoria do Desenvolvimento Social, de Vygotsky.

Segundo Vygotsky:

Qualquer função no desenvolvimento da criança aparece duas vezes: primeiro, no nível social, e após, no nível individual; primeiro entre pessoas (interpsicológico) e então, internamente à criança (intrapicológico). Isso se aplica igualmente à atenção voluntária, à memória lógica, e à formação de conceitos. Todas as mais altas funções se originam de relações reais entre indivíduos. (Vygotsky, 1978. p. 57)

“Um segundo aspecto de sua teoria é a ideia de que o potencial de desenvolvimento cognitivo é limitado a certa extensão, o que ele chama de Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP). O desenvolvimento pleno depende da interação social” (KEARSLEY, 1994 apud COSCARELLI, C.; RIBEIRO, A.E, 2007 pag. 109).

Nesse aspecto, o que diz Vygotsky, “pode ser aplicado à interação em ambientes virtuais, na medida em que esta fornece contínua exposição a diferentes pessoas com níveis diversos de desenvolvimento cognitivo”. (SOUZA, 2007, COSCARELLI, C.; RIBEIRO, A.E. 2007 p. 109)

Os educandos, de modo geral, apresentam conhecimento digital, pois pertencem ao grupo chamado de “nativos digitais”, sabem interagir com recursos dos telefones celulares e navegar pela Internet em busca de informação. Conseguem criar, produzir trabalhos para utilizarem na escola com imagens e sons. A escola, para esses alunos, precisa ter o cuidado de diagnosticar o que eles já sabem no campo digital e aproveitar esses conhecimentos e incluir no projeto pedagógico do educandário, visando ampliar o repertório dos mesmos, construindo a zona proximal do conhecimento da teoria de Vygotsky. Ou seja, ter como ponto de partida os conhecimentos prévios que os alunos trazem que é a zona real e idealizar a zona potencial, que é onde eles podem chegar.

É ainda Vygotsky que “defende o papel do aprendizado da linguagem e dos contextos socioculturais, para o desenvolvimento do indivíduo. Inicialmente, esta objetivaria a comunicação, mas também possibilitaria o aflorar do diálogo interno, que se torna a base da abstração reflexiva, embora o autor deixe clara a dissociação geral entre pensamento e a linguagem”. (VYGOTSKY, 1987, p. 38-44 e 127-132)

Cabe ao professor propor atividades que permitam ao aluno usar os seus conhecimentos de navegação pela Internet, com atividades coerentes com a proposta dentro de um projeto didático, que permita buscar, classificar e localizar as informações solicitadas. Fazer síntese com registros que podem ser realizados posteriormente como atividade de avaliação, visando aprendizagem.

Segundo Vygotsky (1987, p. 130) “para compreender a fala de outrem não basta entender suas palavras, temos que entender seu pensamento”. Trabalhar usando a Internet na busca de uma informação, é trabalhar com comunicação. O leitor precisa entender o contexto semântico que trata a interface. Assim, ele tem condições de interpretar, selecionar e sintetizar o que está lendo.

Papert (1994, p. 8) propõe indo além do que propunham os construtivistas, seguidores de Vygotsky e Piaget, o conceito de “construcionismo”. “ Papert verificou que a construção de conceitos, conhecimentos e estruturas de pensamento (a inteligência) se dá de forma ainda mais significativa quando o aprendizado atua sobre o entorno modificando-o e criando produtos seus. É na ação do sujeito sobre o entorno que a aprendizagem se dá de forma mais significativa”.

A criança, desde a tenra idade, apropria-se da cultura que está inserida. Ou seja, as crianças atuais estão inseridas na sociedade da informação, onde as pessoas utilizam formas assíncronas e síncronas de comunicar-se. Elas falam com os pais, amigos e parentes por meio da Internet, ouvindo e vendo imagens, como um processo natural que é necessário estar inserido na escola contemporânea.

Assim, Papert (1994) propõe que os aprendizes sejam convidados a produzir bens de seu interesse, tratando temas oriundos de um contexto semântico. O trabalho com o uso da Internet precisa ir além do uso dos computadores, necessita ter um produto final, um resultado apresentado como culminância de tudo que foi selecionado nos diferentes hipertextos. Esse material pode ser uma produção digital ou analógica, no qual os alunos expressam o seu conhecimento construído dentro de um processo linguístico de comunicação.

Levon Boligian (2010, p. 42), professor de Metodologia do Ensino de Geografia da Universidade Estadual do Norte do Paraná (UEMP), comenta que “as ferramentas virtuais devem ser escolhidas de acordo com o perfil dos alunos e do trabalho que se quer desenvolver. Cada recurso aciona uma habilidade específica e é capaz de proporcionar uma experiência diferente”.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No trabalho realizado no Colégio Santa Teresa de Jesus, na cidade de Santana do Livramento, o uso do laboratório de informática faz parte da rotina semanal dos educandos,

onde cada turma tem o seu horário pré-estabelecido e o ambiente é preparado com antecedência, ficando os computadores ligados e prontos para serem usados dentro da atividade elaborada.

O trabalho, primeiramente contempla o letramento digital, pois os educandos são incentivados a navegar pela Internet em busca de informações, em buscadores conhecidos, ou direcionados para *sites* previamente selecionados, ou produzir textos *online*, como histórias em quadrinhos, ou participar de atividades recreativas em jogos.

Nessas atividades, os educandos aprendem a ler as interfaces em pauta, aperfeiçoando suas capacidades leitoras de busca, inferência, síntese e memória de curto prazo. Pois as informações obtidas são fontes de produção escrita ou oral.

Ao abrir um *site*, os educandos trabalham com hipertextos, tendo claro o que vão buscar. Para realizar o trajeto que permita a coleta de informações dentro do contexto semântico, seguem orientações da professora. Por isso, os trabalhos estão inseridos em projetos pedagógicos, onde o aluno adquire conhecimentos prévios do assunto, na sala de aula, depois amplia as informações usando a Internet, contemplando a teoria de Zona de Desenvolvimento Proximal, de Vygotsky.

Toda a coleta de informações ou de leitura, na Internet, tem um produto final que é apresentado na sala de aula em forma de “seminários de aprendizagens” ou “roda de apreciação”, no qual os educandos expressam o conhecimento adquirido por meio de atividades analógicas ou digitais que são postadas no *site* da escola.

Com atividades permeadas pelo uso sistemático da Internet, os educandos aprimoram a capacidade de busca e seleção de informações, tornando-se mais criteriosos quanto ao conteúdo pesquisado. Assim, aprendem a guardá-los para os registros posteriores, usando a memória auditiva, visual e cinestésica, pois a Internet possibilita ver, ouvir, ler e o aluno ao transcrever os resultados, faz o processo de reflexão, assimilação e acomodação das informações que foram vistas.

Ao expressar os seus registros, ou comentá-los, trabalham a oralidade, que é uma forma de comunicação anterior à escrita. Passam a organizar melhor o pensamento para verbalizá-lo de forma organizada e lógica.

Nas produções escritas, foi observado o aumento no número de parágrafos dos textos, ampliação do vocabulário escrito, com palavras apresentando encontros consonantais e dígrafos, em maior quantidade e qualidade ortográfica. O texto com a sequência definida, com

as ideias concatenadas e interligadas, coerentes com o contexto. Apresentando argumentos oriundos de diversas leituras.

O próprio *site* da escola é um hipertexto, que é percorrido pelos alunos e pais em busca de informações e de novidades apresentadas no mesmo, nas diferentes interfaces que são abertas ao clicar nos assuntos em foco. Os alunos, em geral, procuram visualizar as atualizações das turmas, assim, ficam sabendo das atividades realizadas nas diversas salas de aulas, da sua escola e das outras duas escolas situadas no Brasil. E, também, procuram ver as atualizações da sua turma, acompanhando os registros dos trabalhos realizados em diferentes contextos de aprendizagens. Os pais podem gerar boletos bancários de pagamentos e recibos para o imposto de renda. Numa das interfaces com área restrita, os professores inserem os conceitos e os pareceres dos alunos e enviam para a secretaria da escola para serem impressos.

As informações sobre a turma, dispostas no *site*, servem para realizar *feedback* sobre o desempenho do grupo nas atividades desenvolvidas, e também servem como subsídios para a avaliação contínua. Pois as imagens, juntamente com os textos descritivos, assemelham-se a um portfólio digital, que é um instrumento relevante no processo de avaliação formativa, que está descrito no regimento da escola. O uso das informações, nas interfaces como portfólio digital, é visto como uma alavanca no contexto de letramento digital, que reflete nos paradigmas que está se vivendo na sociedade da informação.

O trabalho realizado no âmbito do uso da Internet nas escolas teresianas, gerou reflexão e ao reestruturar o projeto político pedagógico das mesmas, que entra em vigência em 2012 até 2015, foi inserido no marco situacional e no marco operativo o uso das mídias digitais na sociedade contemporânea, inserindo políticas pedagógicas que visam o uso sistemático das Tecnologias de Comunicação para gerar o conhecimento. Tanto que a Companhia vai inserir nas três escolas o uso dos *tablets*, e está dando formação aos educadores para que todos tenham conhecimento técnico e saibam tirar proveito desse recurso na sua metodologia criando espaços para a coautoria com ações síncronas e assíncronas.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Maria Bianconcine de. **Integração da Tecnologia na Educação**. Disponível em: < www.tvebrasil.com.br/salto/livro.htm>. Acesso em: 30 mai. 2011.

ALMEIDA, Maria Bianconcine de. In: FERNANDES, Elisângela. **A tecnologia precisa estar presente na sala de aula.** *Revista Nova Escola*, São Paulo, ano XXV, nº233, p. 48-51, junho/julho, 2010.

ALMEIDA, M. E. B. **Educação a distância na Internet: abordagens e contribuições dos ambientes digitais de aprendizagens.** Disponível em: <www.scielo.br/pdf/ep/v29n2/a10v29n2.pdf>

ASSIS, Juliana Alves. **Ensino/aprendizagem da escrita e tecnologia digital: o e-mail como objeto de estudo e de trabalho em sala de aula.** In: COSCARELLI, C.; RIBEIRO, A.E. **Letramento digital: aspectos sociais e possibilidades pedagógicas.** São Paulo: Editora Autêntica, 2007, p. 209.

ASSIS, Juliana Alves. **Explicitação/implicação no e-mail e na mensagem em secretária eletrônica:** contribuições para o estudo das relações oralidade/escrita. Belo Horizonte: UFMG/FALE, 2002. (tese de doutorado)

ASSIS, Juliana Alves; MATENCIO, Maria de Lourdes Meirelles; SILVA, Jane Quintiliano Guimarães. **Explorando as representações do texto escrito: Scripta.** Belo Horizonte: Editora da PUC Minas, v. 4, n. 7, 2000.

Associação de Ensino e Assistência Social Santa Teresa de Jesus, www.stateresa.com, acesso em set/2011.

BOLIGIAN, Levon. In: MOÇO, Anderson. **Estudo em rede.** *Revista Nova Escola*, São Paulo, ano XXV, n. 229, p. 40-43, jan.-fev. 2010.

BOLTER, David Jay. **Writing space: The Computer Hypertext, and the History of Writing.** In: RAMAL, Andrea Cecília. **Ler e escrever na cultura digital.** *Revista Pátio*, Porto Alegre, ano 4, n. 14, p. 21-24, ago.-out. 2000.

COLL, César; MONERO, Carles. **Psicologia da Educação Virtual: aprender e ensinar com as tecnologias da informação e da comunicação.** Porto Alegre, Artmed, 2010.

COSCARELLI, C.; RIBEIRO, A.E. **Letramento digital: aspectos sociais e possibilidades pedagógicas.** São Paulo: Editora Autêntica, 2007.

FERREIRO, Emília. **Cultura escrita e educação.** Porto Alegre, Artes Médicas, 2001.

GOULART, Cecília. Letramento e novas tecnologias: questões para a prática pedagógica. In: COSCARELLI, C.; RIBEIRO, A.E. **Letramento digital: aspectos sociais e possibilidades pedagógicas.** São Paulo: Autêntica, 2007.

HOUAISS, Antônio. **Minidicionário Houaiss da língua portuguesa.** Rio de Janeiro, 2004, 2ª ed – revista e aumentada.

LANDOW, G. P, and DELANY, P. “Hipertext, Hypermedia and Literay Studies : the State of the Art”, in DELANY, P. and LAKOFF, G. (orgs). **Hipermedia and Literatu Studies**, Cambridge: The MIT Press, 1991. In: RAMAL, Andrea Cecília. **Ler e escrever na cultura digital.** Porto Alegre. *Revista Pátio*, ano 4, nº14, agosto-outubro 2000, p. 21-24.

LÉVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência**. O futuro do pensamento na era da informática. Trad. Carlos Irineu da Costa. Rio de Janeiro: 34, 1993.

LÉVY, Pierre. **O que é virtual?** Trad. Paulo Neves. Rio de Janeiro: 34, 1996.

KEARSLEY, G. **Explorations in Learning & Instruction: The Theory into Practice Database**. 1994, 1999. Disponível em <http://www.gwu.edu/~tip/theories.html>. In: COSCARELLI, C.; RIBEIRO, A.E. **Letramento digital: aspectos sociais e possibilidades pedagógicas**. São Paulo: Editora Autêntica, 2007, p.109.

NEVES, Carmem Moreira de Castro. **A pedagogia da Autoria**. In: Boletim Técnico do Senac, v. 31, nº3, set/dez, 2005. Boletim Salto Para o Futuro: **Debates: Mídias na Educação**. Nov/dez, p. 16, 2006.

PAPERT, Seymour. **LOGO: Computadores e Educação**. São Paulo: Brasiliense, 1985. In: TORNAGUI, Alberto. Cultura digital na escola. In: **Proposta da Série Cultura digital e escola. Salto para o Futuro. Ano XX, boletim 10, agosto 2010**, p.

PAPERT, Seymour. **A máquina das Crianças – Repensando a Escola na Era da Informática**. Porto Alegre.: Artes Médicas, 1994. In: TORNAGUI, Alberto. Cultura digital na escola. In: **Proposta da Série Cultura digital e escola. Salto para o Futuro. Ano XX, boletim 10, agosto 2010**, p.

SOARES, Magda. **A reinvenção da alfabetização**. *Presença Pedagógica*. V.9, nº52. Jul/ago, 2003. P. 14-21

SOUZA, Renato Rocha. **Contribuições das teorias pedagógicas de aprendizagem na transição do presencial para o virtual**. In: COSCARELLI, C.; RIBEIRO, A.E. **Letramento digital: aspectos sociais e possibilidades pedagógicas**. São Paulo: Editora Autêntica, 2007, p. 107, 108, 109.

SOUZA, R.R. **Aprendizagem Colaborativa em Comunidades Virtuais**: Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2000. (Dissertação de mestrado em Engenharia de Produção)

RAMAL, Andrea Cecília. **Ler e escrever na cultura digital**. Porto Alegre. Revista Pátio, ano 4, nº14, agosto-outubro 2000, p. 21-24.

.TORNAGUI, Alberto. Cultura digital na escola. In: **Proposta da Série Cultura digital e escola. Salto para o Futuro. Ano XX, boletim 10, agosto 2010**.

VYGOTSKY, L. S. Pensamento e linguagem. São Paulo: Martins Fontes, 1987, p. 38-44 e 127-132. In: COSCARELLI, C.; RIBEIRO, A.E. **Letramento digital: aspectos sociais e possibilidades pedagógicas**. São Paulo: Editora Autêntica, 2007, p. 110-111.

VYGOTSKY, L. S. Mindin Society. Cambridge. MA: Harvard University Press, 1978, p. 57. In: COSCARELLI, C.; RIBEIRO, A.E. **Letramento digital: aspectos sociais e possibilidades pedagógicas**. São Paulo: Editora Autêntica, 2007, p. 109.